

Conto Medieval

Para Noemi Elisa Aderaldo

Francisco Carvalho

Eis-me a vagar pela noite
quando vi certo mendigo
que tinha os olhos de peixe.
Parecia um anjo expulso
das portas do paraíso.

A Sombras não se moveu
nem quando me aproximei.
Pedi-me que não tocasse
as abas ensangüentadas
do seu sudário de rei.

Foi pastor quando menino,
tocava o rebanho e as flautas.
Era do tempo de Ulisses
quando as ondas embalavam
os remos dos argonautas.

A Sombra não se movia
nem passava pelo vento.
Mas o pulsar do seu sonho
tão real me parecia
quanto o seu vulto ao relento.

Ardia a noite no céu,
esfera partida ao meio.
A Sombra me perguntou
se eu vira o corpo da esfinge
apunhalada no seio.

Com suas mãos de espantelho
fez um gesto de recusa.
Me falou de uma serpente
pelos deuses transformada
nos cabelos de Medusa.

Pedi-lhe que me falasse
do seu destino perverso
de rei expulso do trono.
Mas a Sombra ficou muda
sob o escárnio do universo.

Cães ladravam para a lua
coberta de sangue e ouro.
A Sombra de olhos de peixe
dizia aos ventos e aos mortos
palavras de mau agouro.

A Sombra foi se escondendo
nas dobras do seu sudário.
Cresceu a flor do vazio,
e essa flor era de sangue
como as rosas do calvário.

A noite, aos poucos, se escoou
pelos declives do céu.
A Sombra de olhos de peixe
anjo não era nem rei.
Mas o mendigo era eu.